

ESCOLHAS DAS LETRAS POR CRIANÇAS NO INÍCIO DA ALFABETIZAÇÃO

Sônia de Oliveira Santos¹
Dagoberto Buim Arena²

Resumo

A presente pesquisa tem como foco verificar como se dá a apropriação da escrita por crianças no início da alfabetização, especificamente quais os recursos utilizados pelas crianças quanto às escolhas das letras durante o ato de escrever. Tem como objetivo geral analisar o processo de aquisição da escrita; verificar quais são escolhas realizadas pelas crianças durante esse processo e como objetivos específicos verificar quais os recursos utilizados pelas crianças na apropriação da linguagem escrita; como se dá o processo de escolhas das letras na apropriação da linguagem escrita por crianças no início da alfabetização e se as escolhas das letras são feitas com base somente no oral ou se são feitas tendo como foco a função que a letra ocupa na palavra durante o ato discursivo. Para alcançar os objetivos o procedimento metodológico adotado é da pesquisa-ação. Os pressupostos teóricos têm com base os conceitos defendidos por Bakhtin sobre linguagem, enunciação, gênero do discurso, e de função e de estrutura por Vygotsky entre outros, e contribuições de Smith, sobre equivalência funcional das letras. O levantamento de dados empíricos será realizado em uma Escola Estadual na cidade de Marília, com crianças de primeiro e segundo ano do ensino fundamental. A pesquisa encontra-se em estágio inicial, mas com base nos autores mencionados podemos concluir que as crianças utilizam diversos recursos no momento de escolhas das letras e não se apóiam somente na relação grafo - fônica.

Palavras- chave

Alfabetização. Apropriação da escrita. Escolhas das letras.

¹ Universidade Estadual Paulista-UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Marília – Departamento de Didática.

² Universidade Estadual Paulista-UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Marília – Departamento de Didática.

Introdução

Atualmente diversos trabalhos discutem a apropriação da escrita por crianças no início da alfabetização, mas ainda há muitos questionamentos sobre como se dá essa apropriação e quais os recursos utilizados pelas crianças nas escolhas das letras durante o ato de escrever. De acordo com Arena, Arena e Santos (2011, p. 69).

Os trabalhos que analisam questões teóricas sobre alfabetização ou aulas práticas desenvolvidas por professores costumemente destacam as informações fundamentais que deveriam ser ensinadas às crianças durante o processo de apropriação do sistema linguístico, entre elas o traçado da letra, o seu nome, algumas vezes confundido com o nome do fonema ou dos fonemas que a letra representa e a correspondência fonética. Não há referências à função, exceto pelo valor dado à posição inicial ou final que ocupa na palavra.

De acordo com os autores tanto os trabalhos teóricos quanto práticos enfatizam o ensino da escrita baseado na sua materialidade. Dessa forma, reduzem a apropriação da escrita ao traçado, identificação do alfabeto e ao reconhecimento da relação som- letra.

Ao pensar na apropriação da escrita por crianças no início da alfabetização, tendo como foco não os aspectos físicos das letras, mas a função que essas ocupam nas palavras, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de aquisição da escrita e verificar quais são escolhas realizadas pelas crianças durante o ato de escrever. Os objetivos específicos são os de verificar quais os recursos utilizados pelas crianças na apropriação da linguagem escrita; como se dá o processo de escolhas das letras e se essas escolhas são feitas com base somente no oral ou são feitas tendo como foco a *função* que a letra ocupa na palavra durante o ato discursivo.

Método

Para alcançar os objetivos propostos foi adotada como metodologia a pesquisa-ação, porque possibilita o contato e a ação direta com os sujeitos durante o desenvolver da pesquisa. Este tipo de pesquisa contribui para uma maior interação com o sujeito da pesquisa e proporciona ao pesquisador uma ação planejada das atividades que serão desenvolvidas para a coleta dos dados.

Segundo Thiollent (1986, p.15) uma pesquisa só pode ser considerada como pesquisa-ação se houver realmente uma ação por parte das pessoas envolvidas no problema sob observação e essa ação não seja uma ação corriqueira, mas problemática, merecedora de investigação para ser elaborada e conduzida. Uns dos principais aspectos da pesquisa-ação é que há “uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada e o objetivo deste tipo de pesquisa consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada”. (THIOLLENT, 1986, p.16).

A coleta de dados será realizada em uma Escola Estadual, na cidade de Marília, com crianças de primeiro e segundo ano do ensino fundamental. Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados gerados serão a gravação em áudio, transcrição dos diálogos com as crianças durante a escrita de cartas e de histórias em quadrinhos.

Os dados serão organizados e registrados por categorias de análise baseadas nos conceitos de *gêneros do discurso*, a importância da interação do *outro* no processo da aprendizagem da linguagem escrita trabalhados por Bakhtin, o conceito de *função por* Vygotsky, e contribuições de Smith a respeito desse conceito.

Com o intuito de analisar os detalhes do processo de aprendizagem a pesquisa-ação será utilizada como meio de intervir e produzir os dados, e a análise microgenética como metodologia para a análise dos dados produzidos, e a elaboração de núcleos temáticos (PADILHA, 2006) como modo de organizar os dados para análise. Seguindo os pressupostos da teoria histórico-cultural será adotada a abordagem microgenética, presente no artigo elaborado por Góes (2000), que traz algumas definições da abordagem com ênfase na importância de sua utilização em contextos educacionais. A análise microgenética está “orientada para os detalhes das ações; para as interações e cenários socioculturais; para o estabelecimento de relações entre microeventos e condições macrosociais”. (Góes, 2000, p.11). Baseado nesse conceito, os dados serão analisados considerando não apenas o que é aparente, mas também os dados que não são captados diretamente e, que aparentemente não tem nenhuma importância. Recuperar as minúcias, por meio dos indícios gerados nos dados particulares é uma forma de compreender os detalhes do processo de aprendizagem.

Discussões / Conclusão

No momento da escrita a criança não tem como referência apenas os aspectos fonológicos e fonéticos, mas tem, sobretudo, os aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos. Durante o processo de escrita a criança se apropria do sistema linguístico nos seus diversos aspectos. De acordo com Luria (1988, p. 180).

A escrita não se desenvolve, de forma alguma, em linha reta, com um crescimento e um aperfeiçoamento contínuos. Como qualquer outra função psicológica cultural, o desenvolvimento da escrita depende, em considerável extensão, das técnicas de escrita usadas e equivale essencialmente à substituição de uma técnica por outra.

Nesse sentido, o aperfeiçoamento não ocorre de maneira linear; a criança utiliza diversos recursos na apropriação desse sistema tão complexo que é a linguagem escrita. A apropriação da escrita é algo complexo que mobiliza diversas capacidades e durante o processo de grafar as marcas no papel, as crianças utilizam diversos recursos para escolher as letras que serão grafadas. Ao longo do processo de escrever, elas pronunciam diversas letras, sílabas e ao grafar fazem escolhas por outras. De acordo com Vigotski (2001 p.312 – 313), a linguagem escrita não é mera transcrição do oral, e tem sua própria estrutura e seu próprio funcionamento. Ela é vista como linguagem do pensamento destituída de som. O distanciamento entre o que pronunciado e o que grafado se dá porque “a escrita é uma função específica de linguagem, que difere da fala não menos como a linguagem interna difere da linguagem exterior pela estrutura e pelo modo de funcionamento”. (VIGOTSKI, 2001, p.312).

Pronunciar fonemas e sílabas, mas não grafar, ou grafar, mas não pronunciar são indícios das dificuldades enfrentadas pelas crianças no momento de decisão sobre qual letra colocar numa determinada palavra para que cumpra uma função. No momento da escrita, a criança “[...] deve abstrair o aspecto sensorial da sua própria fala, passar a uma linguagem abstrata, que não usa palavras, mas representações de palavras”. (VIGOTSKI, 2001, p.313). Conforme explicita Vigotsky, a escrita é pensada e não pronunciada, por isso se torna tão complicado o ensino baseado apenas nos recursos fonológicos.

Desse modo, as escolhas das letras pelas crianças são feitas não com base somente no oral, mas nas funções que as letras ocupam nas palavras. Segundo contribuições Smith, não escolhemos ou identificamos uma palavra ou uma letra pela pronúncia. “Aprendemos a reconhecer palavras aprendendo a distingui-las umas das outras”. (SMITH, 1999, p. 97).

Em seus trabalhos Smith (1989, 1999) discute os conceitos de *funcionalidade equivalente*; isto significa que as letras estão numa mesma categoria porque elas têm a mesma

função, e de *características distintivas*, isto é, podemos identificar uma letra baseados na ideia de que letra ela não é. Nesta perspectiva, a criança terá menos dificuldade em identificar e escolher uma letra ou uma palavra quando presente no enunciado. Segundo Smith (1999, p. 95), há diminuição de alternativas de escolhas das letras quando essas estão presentes nas palavras, porque fica mais difícil distinguir as letras quando estas estão isoladas e fora de um contexto. “Quando as palavras são significativas dentro de um contexto ou quando nós já temos uma boa ideia do que elas poderão ser, podemos vê-las muito mais rapidamente e de uma distância muito maior do que quando não temos nenhuma expectativa prévia. (SMITH, 1999, p.97). Diante disso, é possível perceber que as escolhas realizadas pelas crianças no ato discursivo pode contribuir para ampliação de conceitos quanto aos recursos utilizados na apropriação da linguagem escrita.

A pesquisa está em andamento, mas alguns indícios nos mostram que a criança durante o ato de escrever não utiliza apenas a relação grafo-fônica para grafar as letras; elas utilizam diversos recursos e alguns desses recursos são orientados pela função que determinada letra pode exercer na palavra.

Referências

ARENA, D.B; ARENA, A. P. B; SANTOS, S. O. Escolhas das letras nas primeiras escritas infantis: função e unidade no discurso. **Ensino Em Re – Vista**. Uberlândia, v. 18, n.1, p. 67 - 80, jan./jun. 2011.

GOÉS. M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, v. 20, n. 50, p. 9-25, abril. 2000.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988, p. 143-189.

PADILHA, A. M.L. Contribuições teórico- metodológicas para o estudo sobre o discurso dos meninos internos em instituição prisional. **InterMeio**, Campo Grande, v. 12, n. 24, p. 104-116, jul./dez.2006.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Trad. Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1999.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.